

EDITORIAL

O Futuro de Quem Enxerga o Próprio Passado

Francisco Vaz-Guimarães¹, Felipe Alves Mourato¹, Wellington Gomes de Andrade¹

*Real Hospital Português de Beneficência em Pernambuco*¹

EDITORIAL

Em 1855, enquanto o Brasil e o mundo sofriam com a terceira pandemia de cólera, era fundado o Hospital Português de Beneficência em Pernambuco. Fruto do altruísmo da comunidade portuguesa e liderado pelo Dr. José de Almeida Soares Lima Bastos, então Presidente do Gabinete Português de Leitura, o hospital mudou a trajetória de uma pandemia que tirou a vida de milhares de pessoas. Diante do sucesso alcançado, logo tornou-se referência e sinônimo de qualidade em saúde. Hoje, em seus mais de 160 anos de existência, o Real Hospital Português (RHP), assim devidamente chamado desde 1907, é o maior complexo hospitalar da região Norte-Nordeste do Brasil e reconhecido não apenas pelo pioneirismo e excelência de seus serviços de saúde, mas também por seu papel social, educacional e de pesquisa científica.

Dentre tantos anos marcantes de sua brilhante história, cabe destacar a importância do ano de 2011 como aquele em que foi estabelecido, sob a liderança do Dr. Guilherme Robalinho e a aprovação do Sr. Provedor Alberto Ferreira da Costa, o Instituto de Ensino e Pesquisa Alberto Ferreira da Costa. Desde então, sob a égide da Dra. Maria do Carmo Lencastre, o Instituto vem promovendo uma robusta expansão das atividades educacionais e de pesquisa no Hospital e estabelecendo preciosas parcerias com outros centros científicos pelo mundo afora.

Consequentemente, fruto inexorável deste trabalho de excelência, testemunha-se no ano de 2021 o lançamento do *Journal of Hospital Sciences*, a publicação científica oficial do RHP.

Quis o destino que este periódico fosse lançado em momento de pandemia. Tal quando na pandemia de cólera, estopim que viu florescer a instituição que com tanta competência acolhe milhares de pacientes todos os anos, fez-se a pandemia do novo coronavírus em 2020 como catalisador do nascimento de um veículo de comunicação que, assim como a casa que lhe provê guarida, visa alcançar a excelência naquilo que se propõe: “publicar artigos de profissionais da saúde e áreas correlatas, bem como explorar temas importantes para a inovação e formação multiprofissional no ambiente hospitalar”.

Vivemos em tempos de incomensurável acesso às informações científicas entre os setores da sociedade. Todavia, também testemunhamos uma época caracterizada por extrema polarização e tristemente marcada por debates estéreis onde bocas verborágicas atingem ouvidos moucos. Assim, nutridos por um sentimento de perplexidade mas encorajados por buscar um maior entendimento da realidade na qual estamos inseridos, dedicam-se as próximas linhas deste editorial à revisita do princípio de que a ciência evolui com base em dúvidas e não pela certeza; de que o ceticismo sendo a base de toda investigação científica

Informações de contato:

Francisco Vaz-Guimaraes

Endereço: Av. Agamenon Magalhães, 4760, Recife, PE

E-mail: jhsc@ieprhp.org.br

<https://jhsc.emnuvens.com.br/revista>

reverbera enfaticamente o lema do sábio que alardeia “*caveat emptor*”.

Para “discutir ciência” é preciso compreender a sua própria origem, é preciso enxergar o próprio passado. Relembremos, pois, as orientações de Hugo de São Vítor, donde: (1) “... não reputar de pouco valor nenhuma ciência e nenhum escrito; (2) não ter vergonha de aprender de qualquer um; (3) não desprezar os outros depois de ter alcançado o saber”. Tomando suas palavras, afirmamos que este periódico servirá também como um bastião mantenedor do debate científico franco, aberto e democrático enfatizando o preceito de que o horizonte experimental e empirista da ciência continue a ser um instrumento de auxílio à busca da verdade e não um sistema de crenças sucedâneo da religião e da metafísica e substitutivo da ética e da moral; lutar-se-á contra a chamada ditadura científica e sua autocracia epistêmica de modo que o alarme soado pelo ex-presidente dos Estados Unidos da América, Dwight Eisenhower, não venha, irremediavelmente, tornar-se profecia cumprida.

Assim, cabe trazer à baila dois autores fundamentais para o entendimento do que de fato é a ciência. Descritas pelo sociólogo Robert Merton, As Normas de Merton descrevem os imperativos que determinam o *ethos* da ciência moderna: (1) o comunalismo, postula que as descobertas científicas são produtos da colaboração social destinados à comunidade e que o direito do cientista limita-se à gratidão e à estima; (2) o universalismo, determina que, para serem validados, os conhecimentos gerados devem ser submetidos à avaliação; (3) o desinteresse, esclarece que o cientista não deve ter motivações pessoais na realização de suas pesquisas mas apenas estender o corpo de conhecimento científico considerado relevante pelo seu grupo acadêmico; (4) o ceticismo organizado, onde há a exclusão “tanto da credulidade quanto do dogmatismo” de modo que os fatos possam ser examinados de maneira

imparcial e de acordo com critérios empíricos e lógicos.

Assentado nos fundamentos de que a ciência possui caráter racional e que suas teorias possuem caráter hipotético, o filósofo Karl Popper propôs o chamado princípio da falseabilidade, onde as teorias científicas que não concedessem possibilidade de refutação por meio de experimentação deveriam ser consideradas como mito ao invés de ciência. Esta intrigante sugestão antagonizou o princípio da verificabilidade baseado no método indutivo defendido por pensadores do chamado Círculo de Viena. Segundo Popper, a observação científica, ao contrário, se baseia no método hipotético-dedutivo onde a busca de fatos particulares, depois de verificados, refutam a hipótese proposta; se baseada no método indutivo e na seleção dos fenômenos a serem investigados com o objetivo de se comprovar uma hipótese proposta, silogisticamente, o critério de verificabilidade nem sempre pode ser validado. Ademais, sendo uma ação humana, a ciência é passível de continuada transformação e o surgimento de incontáveis teorias.

Discutir ciência, portanto, requer raciocínio e raciocínio requer liberdade de pensamento e debate. Princípios como o da identidade relativa (duas coisas idênticas a uma terceira são idênticas entre si), da discrepância lógica (duas coisas das quais uma se identifica com uma terceira, porém a outra não, são distintas entre si) e da máxima “*dictum de omni et nullo*” (afirmar ou negar um sujeito universal deve, respectivamente, afirmar ou negar todos os particulares contidos neste universal) devem nortear e iluminar o debate nesta ágora. Questionar aquilo não pode ser respondido é incomparavelmente superior a responder àquilo que não poder ser questionado. Assim, enxergando nosso próprio passado e esperançosos no presente, buscamos um futuro que nos permita seguir

carregando a missão, a visão e os valores
que definem o RHP.

